

chegue a afirmar com Bergson que a magia é inata ao homem, talvez devamos considerá-la, com Radin, tão antiga quanto êle. E se não excluimos da gênese do culto a idéia de um poder que nêle se manifeste, seria estranho que êste poder deixasse de ser concebido desde logo como recurso para a solução de problemas da vida humana.

Não há motivo, enfim, para, aceitas as premissas e os postulados do autor, se discordar da afirmação de que o fator discursivo e a idéia da eficiência do ritual religioso deturpam ou desgastam aos poucos o sentido original do mito e do culto, incrementando-se na proporção em que a curiosidade do intelecto, presente *ab initio*, deixa de satisfazer-se com uma cognição predominantemente intuitiva do mundo e na medida em que a expectativa de salvação se impõe à representação cerimonial. A nossa reserva se refere a uma barreira intransponível que se interponha, de um lado, entre o raciocínio e a faculdade cognitiva responsável pela criação mítica e, do outro, entre os atos genuínos de culto religioso e os mágicos, de intenção finalista. Aliás, o próprio autor, fazendo a síntese de seu livro, tem a prudência de temperar a posição assumida, declarando que se trata de não considerar o pensamento lógico-causal como fator decisivo na gênese do mito. As distinções rigorosas são necessárias como categorias científicas e como instrumentos de análise. Mas todos sabemos como é difícil enquadrar nelas os fenômenos humanos, tão complexos em sua manifestação concreta.

*Egon Schaden*

\*

JACQUELINE ROUMEGUÈRE-EBERHARDT: *Pensée et Société Africaines: Essais sur une dialectique de complémentarité antagoniste chez les Bantu du Sud-Est*. 99 págs. Cahiers de l'Homme, Nouvelle Série, III. Mouton & Co. Paris e Haia, 1963.

Jacqueline Roumeguère-Eberhardt oferece-nos neste trabalho fragmentos de imenso material recolhido no decorrer de suas pesquisas de campo, entre populações que a viram nascer, que a aceitaram desde a infância nas tribos como membro, e que a viram com tôda a naturalidade seguir, nas escolas femininas de iniciação, a mesma aprendizagem que as meninas indígenas. A essa circunstância se deve um dos caracteres originais da obra: dos fatos que pesquisa, a autora possui um conhecimento "de dentro", obtido através de sua educação e do perfeito domínio dos dialetos nativos, que anulam quaisquer barreiras culturais entre ela e os pesquisados.

Outras qualidades são a precisão e o rigor da análise sociológica, sempre enraizada ao nível mais empírico do material colhido, e desenvolvida segundo as correntes sociais internas que os fatos pesquisados ao mesmo tempo seguem e comandam. A articulação dos fatos se organiza segundo a lógica que lhes é particular, a qual se desprende do próprio material e se cristalizara já no ensinamento que a autora recebeu dos oficiantes, dos instrutores ou dos sacerdotes, dos quais foi discípula no decorrer de sua iniciação; tal lógica se exprime através de um processo dialético entre pensamento e sociedade, que, porém, nada deve a sistemas filosóficos ocidentais, nem mesmo à tríade sumária tese-antítese-síntese. No sistema de pensamento dos Bantu ocidentais, não se vislumbra jamais a noção de contradição, própria à lógica aristotélica; as articulações dialéticas são dominadas por duas noções-chave, a de Efetivação-Potencialização, e a de Dualidades Complementares, ora sinérgicas, ora antagônicas; ou então ao mesmo tempo sinérgicas e antagônicas.

Tomemos, por exemplo, o segundo ensaio, "A noção de vida, base da estrutura social". Estamos diante de dois termos aparentemente contraditórios, pois um, a vida, é espontâneo e imprevisto, enquanto o segundo, a sociedade, é antes construído e rígido. Ambos se exprimem por dois sistemas sociais opostos nas tribos Venda, cujo antagonismo é resolvido pelas posições que o indivíduo é levado a ocupar no decorrer da vida. Em cada uma das cinco etapas que percorre na existência, o indivíduo Venda ocupa posições sociais que pertencem sempre aos dois sistemas. Enquanto criança, pertence ao mesmo tempo ao pai e à mãe; o pai representa o poderio social com sua ordenação rígida; a mãe representa a vida e seu poder criador. O comportamento do indivíduo, escolhendo ora uma, ora outra das alternativas que os sistemas lhe oferecem, efetua o ajustamento necessário entre uma e outra.

Esta mútua adaptação é ainda melhor explicada no capítulo seguinte, "Complementaridade antagônica das famílias paterna e materna entre os Venda". Através da terminologia de parentesco, Jacqueline Roumeguère-Eberhardt demonstra o antagonismo entre ambas, mas mostra também como é anulado de diversas maneiras na existência quotidiana no comportamento dos indivíduos, permitindo um equilíbrio que deve ser constantemente refeito, mas que não deixa de persistir. O casamento com a filha do tio materno, por exemplo, é preferencial; todavia, a espôsa deve ser escolhida pelo "conselho de família" da linha paterna, que determina qual será a espôsa principal. A oposição entre estes dois princípios é anulada no momento da ação: a escolha do "conselho" se fixará em geral na filha do tio materno. Mas se esta escolha não se realiza, outros ritos sacramentários o casamento e torná-lo-ão "de acôrdo com a ordem natural", apagando a anomalia. Vê-se, pois, que estamos diante da rigidez das regras sociais, de um lado, e, de outro, diante de todos os pequenos detalhes que permitem à realidade sempre em movimento concordar com os princípios.

Tais tendências, que talvez possam parecer opostas, são na realidade complementares. Tôda sociedade precisa organizar-se visando à conservação da hierarquia social. Mas tôda sociedade é formada de seres humanos vivos e criadores: é preciso contar com suas iniciativas, sua faculdade de invenção, suas afeições. O comportamento dos indivíduos é o meio pelo qual os dois aspectos se adaptam um ao outro.

Não podemos descrever todos os pequenos ensaios que formam este livro, cuja riqueza alongaria por demais esta resenha. Queremos assinalar também que nos pareceram notáveis os capítulos "A dialética dos tempos sociais entre os Bantu do Sudeste", e "Espaço físico, espaço social e espaço mítico entre os Bantu do Sudeste". São temas até agora pouco tratados em Antropologia Social e sobre os quais a autora traz contribuições novas. Além de apresentar material que promove as reflexões estimulantes do teórico, o trabalho fornece um conhecimento empírico aos pesquisadores devido à clareza didática da exposição. Pequeno volume de elevado valor, não pode deixar de figurar na biblioteca dos estudiosos da matéria.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

\*

ESTHER S. GOLDFRANK, ed.: *Isleta Paintings*. Introdução e comentário de ELSIE CLEWS PARSONS. XVI + 299 págs., com ilustrações. Smithsonian Institution. Washington, 1962.

Esta obra, bastante singular quanto à sua origem, vem somar-se à imensa bibliografia sobre os índios Pueblos, do Arizona e Nôvo México, grupo nativo que uma série de circunstâncias favoráveis converteu, desde fins do século passado, no objeto mais